

***Verliebtheit* (enamoramento) em *Psicologia das Massas*: limites do objeto e reflexões clínicas**

Guilherme Secotte*

RESUMO: Esse artigo parte da observação da pequena recorrência ou do conciso emprego do conceito de *Verliebtheit* (traduzido como “enamoramento”) em publicações brasileiras recentes que abordam as massas à luz da teoria freudiana. Observamos que, dada a complexidade das massas e algumas questões inerentes ao conceito, fez-se um maior uso e desenvolvimento do conceito de identificação. Apresentamos e problematizamos o conceito de *Verliebtheit*, enfatizando a importância da figura do líder, a possibilidade deste ser substituído por outros objetos e a importância da organização para as massas. Também discutimos sua expressão clínica, seu potencial como modalidade de sofrimento e quais os desafios para o seu tratamento.
Palavras-chave: FREUD; PSICANÁLISE; MASSA; GRUPO; ENAMORAMENTO.

***Verliebtheit* (Being in Love) in *Group Psychology*: Object Limits and Clinical Reflections**

ABSTRACT: This article stems from the observation of a minor recurrence or concise deployment of the concept of *Verliebtheit* (translated as “being in love”) in recent Brazilian publications addressing crowds through Freudian theory. We note that, given the complexity of crowds and some inherent issues with the concept, there has been more extensive use and development of the concept of identification. We introduce and problematize the concept of *Verliebtheit*, highlighting the leader's significance, the potential for this figure to be substituted by other objects, and the importance of organization for crowds. We also discuss its clinical expression, its potential as a mode of suffering, and the challenges it presents for treatment.
Keywords: FREUD; PSYCHOANALYSIS; CROWD; GROUP; BEING IN LOVE.

***Verliebtheit* (enamoramiento) en *Psicología de las Masas*: límites del objeto y reflexiones clínicas**

RESUMEN: Este artículo parte de la observación de una pequeña recurrencia o uso conciso del concepto de *Verliebtheit* (traducido como “enamoramiento”) en publicaciones brasileñas recientes que se dirigen a las masas a la luz de la teoría freudiana. Fue posible observar que, dada la complejidad de las masas y algunas cuestiones inherentes al concepto, se hizo un mayor uso y desarrollo del concepto de identificación. Presentamos y problematizamos el concepto de *Verliebtheit*, poniendo énfasis en la importancia de la figura del líder, la posibilidad de que éste sea reemplazado por otros objetos y la importancia de la organización para las masas. También discutimos su expresión clínica, su potencial como modalidad de sufrimiento y cuáles son los retos para su tratamiento.
Palabras clave: FREUD; PSICOANÁLISIS; MASA; GRUPO; ENAMORAMIENTO.

* Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo - USP.

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-0306-7692>

E-mail: secotte@outlook.com

Introdução

O fenômeno da *Verliebtheit*, traduzido como “enamorado” (Freud, 1921/2011) ou “estar amando” (Freud, 1921/1996), como conceituado por Freud em "Psicologia das Massas e Análise do Eu" (1921/2011), representa um dos elementos fundamentais, juntamente com a identificação, para a investigação sobre a formação, perpetuação e dissolução das massas. Observa-se, contudo, em algumas publicações acadêmicas brasileiras recentes, que se dedicam à análise dos fenômenos de massas e grupos ou que revisitam a teoria freudiana, uma tendência à pouca recorrência ou ao conciso emprego do conceito de *Verliebtheit*.

Em variados trabalhos acadêmicos publicados recentemente, observa-se o uso de expressões que abordam adequadamente o fenômeno da *Verliebtheit*. Essas publicações, entretanto, não mencionam explicitamente o conceito, mas o utilizam de maneira parcial ou superficial em suas investigações. Alguns exemplos incluem termos como “relação amorosa”, “vínculo libidinal”, “laço libidinal”, “relação idealizada com o líder” (Penna, 2021), “investimento libidinal”, “idealização”, “fanatismo”, “idolatria” (Gontijo & Bicalho, 2019), “alienação” (Danziato et al., 2020), “relação com o líder” (Bispo et al, 2022), ou enfatiza-se a afirmação de que o “líder ocupa o lugar do ideal do Eu” (Sadala, 2022), embora sem contextualizar que a *Verliebtheit* viabilizaria esse processo.

Para além da não nomeação da *Verliebtheit* ou de sua tradução equivalente, encontram-se, ao longo dos textos, frequentes interpretações nas quais a relação estabelecida com o líder seria uma forma de identificação. Tal conjectura, apesar de correta, não é muitas vezes explicada, deixando lacunas teóricas sobre o que diferenciaria a *Verliebtheit* e a identificação ou, mais especificamente, qual seria a diferença entre o laço entre os membros de uma massa e o laço dos membros com o líder.

O objetivo deste artigo não é contestar os autores ou advogar pelo emprego do conceito de *Verliebtheit* em publicações, mas realizar uma análise crítica sobre os limites que o conceito comporta no texto freudiano. Esses limites poderiam justificar, enquanto hipótese, a não centralidade da *Verliebtheit* na análise dos fenômenos de massa contemporâneos, em contraste com o conceito de identificação, que é mais robusto e muito mais utilizado.

Em um segundo momento, refletimos sobre como o fenômeno da *Verliebtheit* pode manifestar-se na clínica psicanalítica e os desafios associados ao seu tratamento. Visamos com isso aproximar as pesquisas psicanalíticas que se debruçam sobre os fenômenos sociais com a reflexão sobre a prática clínica, alicerces de nosso campo e um dos principais insumos para o desenvolvimento da psicanálise.

O conceito de *Verliebtheit* em Psicologia das massas e análise do Eu

Precisamos nos atentar que o vocábulo alemão “*Verliebtheit*” recebeu diferentes traduções para o português. Na versão da editora Imago (Freud, 1921/1996), *Verliebtheit* encontra-se traduzido como “estar amando”, derivada da tradução inglesa “*being in love*”. Na tradução da editora Companhia das Letras (Freud, 1921/2011), versão à qual nos referiremos neste artigo, *Verliebtheit* encontra-se traduzido como “enamorado”.

Rocha (2008) prefere traduzir *Verliebtheit* por “paixão amorosa”. Conforme o autor, “*Verliebtheit*” é um vocábulo composto pelo prefixo “*ver*” (que quase sempre indica um desvio ou perturbação), pelo verbo “*lieben*” (amar) e pela terminação “*heit*”, sufixo próprio dos substantivos femininos da língua alemã. Portanto, *Verliebtheit*, “anuncia uma perturbação no modo de amar. (...) A paixão amorosa é uma forma *sui generis* e toda especial de amor” (Rocha, 2008, p. 111).

Por outro lado, “enamorado” é um substantivo pouco comum em nossa língua, ganhando um certo destaque no texto freudiano, enquanto “estar amando”, por sua vez,

apresenta-se como uma conjugação composta, contendo o verbo de ligação “estar” e o verbo principal “amando”. Essa conjugação representa um presente contínuo, gerando a impressão de um estado ou situação em progresso. Ao passo que “enamoramento” e “paixão amorosa” parecem indicar uma situação específica e que se difere do amor comum, a expressão “estar amando” não indica essa especificidade ou uma “forma *sui generis*” de amor, mas apenas uma situação genérica ou abrangente de investimento libidinal.

A complexidade na tradução de *Verliebtheit* pode ser uma das razões para o seu pouco reconhecimento enquanto conceito na obra freudiana. Devido à versão da editora Imago (Freud, 1921/1996) ser mais antiga e provavelmente mais difundida, a expressão “estar amando” pode ter passado despercebida como um conceito, favorecendo o uso de palavras similares e que também ajudam para a compreensão do fenômeno, como aquelas citadas anteriormente e que Freud também utilizou ao longo de seu texto.

O emprego do termo *Verliebtheit* por Freud (1921/2011) foi coerente com a tradição dos estudiosos das massas, da qual ele se apropriou em seus estudos. Gustave Le Bon e William McDougall concebiam o fenômeno das massas como algo intrinsecamente negativo, por vezes patológico, caracterizando-as como altamente influenciáveis, crédulas, acríticas e sem compromisso com a verdade, resultando em uma diminuição da capacidade intelectual dos indivíduos que delas faziam parte. Embora Freud tenha reconhecido a possibilidade de características indesejáveis serem menos proeminentes em massas mais organizadas, como a Igreja e o Exército, é importante notar que ele não as negou. Nesse contexto, a utilização de *Verliebtheit* para indicar um “desvio” ou “perturbação” na forma de amar, explicitaria, na própria palavra, uma perspectiva negativa nesse tipo de agremiação, assim como constituiria um caráter especial no modo como o investimento libidinal nas massas acontece.

Para o psicanalista (Freud, 1921/2011), o conceito de *Verliebtheit* refere-se a um amor terno, de fim não sexual, um representante pulsional de meta inibida (em contraste com o amor sensual, de satisfação direta). Essa inibição não faz com que se abandone totalmente a meta da pulsão (isto é, a satisfação por meio da supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão), mas permite ao psiquismo satisfações reduzidas em relação ao que a meta original pode proporcionar (Freud, 1915/2010b).

Devido às tendências que impedem à satisfação direta e o recuo das reivindicações sensuais, ocorre uma restrição ao próprio narcisismo, tornando o Eu menos exigente e mais modesto. Em casos limites, o objeto da *Verliebtheit* toma posse do amor-próprio do Eu, levando à ideia de que “O objeto consumiu o Eu” (Freud, 1921/2011, p. 55). Freud (1930/2010c, p. 12) retoma essa concepção anos mais tarde sugerindo que, no auge da *Verliebtheit*, seria como se a fronteira entre o Eu e o objeto estivesse prestes a desaparecer, transformando-os em uma única unidade.

Na *Verliebtheit*, o objeto é idealizado, torna-se precioso, sublime e seus atributos são supervalorizados, deixando-o com uma “certa isenção de críticas” (Freud, 1921/2011, p. 54). Processo similar aconteceria na hipnose: haveria a “mesma humilde sujeição”, a “mesma docilidade”, a “ausência crítica” e o “solapamento da iniciativa própria” do sujeito diante o hipnotizador. Nas suas formas mais desenvolvidas, a *Verliebtheit* se aproximaria de uma experiência de “fascínio” ou de “servidão enamorada” (Freud, 1921/2011, pp. 56-57).

Freud argumenta que o objeto da *Verliebtheit* seria amado pelas perfeições que o Eu almeja e, por meio dele, o sujeito procuraria obter satisfações de seu próprio narcisismo. Nesse processo, o objeto da *Verliebtheit* é tratado como se fosse uma extensão do Eu: quando a satisfação narcísica se depara com obstáculos reais, o objeto da *Verliebtheit* pode ser utilizado como uma satisfação substitutiva (Freud, 1914/2010a). Nesse contexto, o psicanalista desenvolve uma hipótese fundamental sobre a *Verliebtheit*:

Simultaneamente a essa “entrega” do Eu ao objeto, que já não se diferencia da entrega sublimada a uma ideia abstrata, *deixam de operar completamente as funções conferidas*

ao ideal do Eu. Cala a crítica exercida por essa instância; tudo o que o objeto faz e pede é justo e irrepreensível. A consciência [moral] não se aplica a nada que acontece a favor do objeto; na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso. Toda a situação pode ser resumida cabalmente numa fórmula: *O objeto se colocou no lugar do ideal do Eu* (Freud, 1921/2011, pp. 55-56, grifos nossos).

Mas como podemos compreender a afirmação freudiana segundo a qual, nas massas primárias, o objeto ocupa o lugar do ideal do Eu? Ou melhor, o que Freud quer dizer com “lugar”? Em pelo menos três momentos, Freud (1921/2011) coloca em outros termos a sua própria formulação. O psicanalista afirma que nos grupos rapidamente formados, transitórios, efêmeros (ou primários, acrescentamos), “[...] o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder” (p. 72). Em outro momento, referindo-se ao pai primevo de Totem e Tabu, afirma: “O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu” (p. 71). E, ainda, que a massa coincide com a hipnose na “substituição do ideal do Eu pelo objeto” (p. 87).

Assim, existiria um *ideal da massa* (seja ele qual for) e esse ideal seria corporificado pelo líder. Seguindo esse raciocínio, afirmar que os indivíduos puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu significaria dizer que o ideal da massa ocupa o lugar do ideal do Eu, e que esse ideal da massa é corporificado (ou representado) pelo líder. Em outras palavras, nas massas primárias, o ideal do Eu é *substituído* ou *trocado* pelo ideal da massa incorporado pelo líder, o que forneceria a sua coesão.

Conforme Enriquez (1999, p. 68), trata-se de uma *substituição* quando o objeto é posto no lugar do que constitui o ideal do Eu. A substituição é percebida “quando aquilo que era para nós um ideal se localiza num objeto presente que vem, no interior de nós mesmos, representar completamente e sem crítica esse ideal”, característica fundamental da *Verliebtheit*.

Nesse sentido, interpretamos que o objeto se colocar no “lugar” do ideal do Eu significa que o objeto pode influenciar sobre as *funções* ou os *papéis* dessa instância psíquica. A concepção de “lugar” refere-se às diferenciações entre os agentes psíquicos, isto é, à operação de determinados mecanismos e funções do ideal do Eu no aparelho psíquico. Afirar, portanto, que o objeto ocupa o lugar do Ideal do Eu, poderia significar, em outros termos, que o objeto da *Verliebtheit* pode exercer as mesmas funções ou papéis que essa instância psíquica, produzindo, por efeito, uma *alteração* ou uma *suspensão parcial* das funções do Ideal do Eu.

De acordo com Freud (1914/2010a, 1921/2011, p. 52), essas funções seriam a de auto-observação, de consciência moral (*Gewissen*), censura do sonho, prova de realidade, de ser a principal influência nos processos de repressão e a base para os ideais.

Dessa maneira, em maior ou menor grau, as alterações ou suspensões parciais modificariam o Eu rumo aos caminhos traçados pelo ideal do Eu representado pelo objeto da *Verliebtheit* nas massas. Essa possibilidade interpretativa responderia por que na *Verliebtheit* se “cala a crítica exercida por essa instância”, por que “tudo que o objeto faz e pede é justo e irrepreensível” e por que o sujeito pode tornar-se “sem remorsos, um criminoso” (Freud, 1921/2011, p. 56).

Com o objeto ocupando o lugar do ideal do Eu, amado pelas perfeições que o próprio Eu almeja, o sujeito procura obter satisfações derivadas de seu próprio narcisismo. Para Rocha (2008, p.113),

O apaixonado projeta, ou transfere, sobre o objeto de sua paixão as idealizações narcísicas de sua infância e tem a ilusão de que nele está o segredo de tudo o que lhe falta. A ilusão da completude narcísica alimenta a ideia de que o objeto da paixão amorosa pode preencher o vazio da falta, que é constituinte de nossa existência.

Nesse sentido, se observamos que o sujeito projeta seus próprios ideais narcísicos no objeto da *Verliebtheit*, podemos inferir, sob a ótica da economia psíquica, que o investimento libidinal ocorre sobre o objeto, mas que a satisfação resultante retorna como narcísica. Como afirmou Freud (1921/2011, p. 74), “Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o ideal do Eu”. Essa dinâmica sugere que, ao investir libidinalmente no objeto da *Verliebtheit*, o sujeito busca uma confirmação e realização dos próprios ideais narcísicos, promovendo, assim, uma relação de prazer.

Não é, contudo, a partir de qualquer “mérito” que o objeto pode ser idealizado. A consciência moral estabelece condições para a seleção dos objetos nos quais o Eu se pode identificar. Assim, associada a um julgamento crítico, a consciência moral seria o censor que rejeitaria determinados objetos por serem incompatíveis com o ideal que o sujeito busca tornar-se. Em outras palavras, a satisfação obtida na relação com os objetos idealizados pelo qual o sujeito se identifica e investe, somente se torna possível se o objeto atender às condições colocadas pelo ideal do Eu (Carvalho, 2016, p. 76; Freud, 1914/2010a).

A partir dessa conceitualização, problematizemos a natureza do objeto nas massas, destacando a relevância da figura do líder e a sua possibilidade de ser substituído.

Os limites do objeto da *Verliebtheit* nas massas

Freud (1921/2011, p. 59) investiga as massas tomando o líder como o objeto da *Verliebtheit*, condição comum entre os membros da massa e que possibilita eles identificarem entre si. O psicanalista chega a afirmar que “a natureza da massa é incompreensível se negligenciarmos o líder” (1921/2011, p. 62). Foi sob essa hipótese que Freud se propôs a analisar o Exército e a Igreja Católica: em ambas as “massas artificiais” prevaleceria a ilusão de que há um líder (o general e Cristo, respectivamente) que ama a todos os indivíduos que a ela pertencem. Se essa ilusão fosse abandonada, escreve Freud (1921/2011, p. 35), ambas as massas se dissolveriam se a “coação externa” lho permitisse.

Essa estrutura que fundamenta as massas na teoria freudiana apresenta, contudo, alguns problemas. Ao contrário da Igreja, em que Cristo é o líder absoluto, insubstituível e atemporal para os cristãos (apesar das lideranças institucionais, mundanas e transitórias), nos exércitos, por exemplo, aquele que ocupa o lugar de líder para essas massas é mutável e efêmero. Diante dessa condição, como poderiam essas instituições seculares do Estado permanecer coesas ao longo do tempo?

Além disso, seguindo a teoria freudiana, seria necessário compreender que antes mesmo de os sujeitos se tornarem parte dos exércitos, eles teriam que produzir uma relação de *Verliebtheit* com o general, pois, somente assim, eles poderiam ter uma relação de identificação com outros sujeitos que compõem a massa. Dessa maneira, a relação de *Verliebtheit* com o líder seria uma condição fundamental para a existência de uma massa?

Como aponta Ernesto Laclau (2013, p. 136, grifos do autor):

Penso que Freud passa rápido demais da postura de assinalar o amor pelo líder como condição fundamental para *consolidar* o laço social à posição de sustentar que tal amor é a *origem* dessa ligação. (...) Os soldados não se alistam no exército *devido* a seu amor pelo comandante em chefe, por mais importante que esse amor venha a se tornar para consolidar a unidade do grupo.

Na mesma obra, entretanto, Freud (1921/2011) abre espaço para pensarmos em outras formas de organização das massas, nas quais o líder não seria o único objeto da *Verliebtheit* e, mais do que isso, aponta para a ideia de que ele poderia até ser *substituível*. Nos preâmbulos da discussão sobre a importância da figura do líder, Freud disserta:

O que deveria nos ocupar, acima de tudo, é a diferença entre massas que têm um líder e massas sem líder. Verificar se as massas com líder são as mais primordiais e mais completas; se nas outras ele não pode ser *substituído por uma ideia, uma abstração*, estado para o qual as massas religiosas, com seu chefe intangível, constituem já uma transição; se uma *tendência comum, um desejo partilhável* por grande número de pessoas, não pode fornecer tal substituto. Essa abstração poderia, por sua vez, encarnar-se mais ou menos perfeitamente na pessoa de um *líder secundário*, digamos, e da *relação entre ideia e líder* resultariam interessantes variedades. O líder ou a *ideia condutora* poderia tornar-se negativo, por assim dizer; o ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas semelhantes à dependência positiva. Caberia perguntar também se o líder é realmente indispensável para a essência da massa, e outras coisas mais (Freud, 1921/2011, p. 42, grifos nossos).

Poderia o objeto da *Verliebtheit* nas massas ser “desejos partilháveis” ou “ideias condutoras”? O líder poderia se tornar uma figura secundária, porta-voz ou representante desses desejos ou ideias? Ou, ainda, seria possível ter uma relação de *Verliebtheit* com esses objetos substitutos? Produzir-se-iam os mesmos efeitos?

Laclau (2013, pp. 104-111) identifica nos antecessores de Freud duas lógicas sociais de agregação que se apresentavam como heterogêneas. A primeira estaria fundamentada na *organização*, enquanto a segunda nas relações em torno do líder. Laclau aponta que a obra freudiana possibilitou uma teoria unificada sobre as massas, superando esse dualismo. Ambos os modos de agregação seriam, na realidade, extremos de um mesmo *continuum* em que as duas lógicas se articulariam de variadas maneiras. Não haveria uma contradição entre a organização e a figura do líder, mas uma complementaridade entre elas, com o grau de importância variando conforme cada agregação. Em algumas situações, as massas estariam mais centradas na figura de um líder populista (como estudado por Laclau), enquanto em outras estariam mais centradas na organização, como no caso do Exército, por exemplo.

Nesse último caso, Freud (1921/2011, p. 36) sugere que as ideias de “pátria” e “glória nacional” não são indispensáveis para a existência e coesão de um Exército. Poderiam essas ideias, dentre outras, formar um conjunto que pudesse substituir ou, pelo menos, diminuir a importância da figura do líder nessas massas? O que se entende por “organização” seria fruto das “ideias condutoras” ou dos “desejos partilháveis” que substituiriam a figura do líder nas massas? Nesse caso, o líder ainda seria o objeto da *Verliebtheit*?

De acordo com Laclau (2013, p. 106), um líder só pode ser aceito se apresenta “características que compartilha com aqueles que se supõe liderar”. Dito de outro modo, “os liderados encontram-se, em grande medida, *pari passu* com o líder – isso quer dizer que este último torna-se *primus inter pares*”. Dessa “mutação estrutural” ocorreriam três consequências importantes: “Primeiramente, aquele ‘algo em comum’ que possibilita a identificação entre os membros de um grupo não pode consistir exclusivamente de amor ao líder, mas de algum traço positivo que o líder e os liderados compartilham”. Em segundo lugar, “que um certo grau de identificação com o líder torna-se possível”¹. E, em terceiro lugar que:

(...) se o líder comanda por apresentar, de modo particularmente marcado, traços comuns a todos os membros do grupo, ele já não pode ser, em sua pureza, um dirigente despótico, narcisista. Por um lado, ao participar da própria substância da comunidade, que torna a identificação possível, sua identidade está dividida: ele é o pai, mas também um dos irmãos. Por outro lado, como seu direito de dirigir se baseia no reconhecimento, por outros membros do grupo, de uma característica de líder que ele compartilha com todos eles, de modo muito pronunciado, o líder é, em grande medida, responsável pela comunidade. A necessidade de uma liderança ainda pode estar presente, devido a razões estruturais (...), porém se trata de uma liderança muito mais democrática do que aquela presente no déspota narcisista. Na verdade, não estamos muito distantes daquela peculiar combinação de consenso e coerção que Gramsci denominou hegemonia (Laclau, 2013, pp. 106-107).

Para Mac-Cormick (2014, p. 91), o líder é concebido como alguém em melhores condições de exercer a função de levar adiante uma missão ou projeto que permitiria a felicidade ou satisfação ainda não alcançada pela massa. O líder seria um “norteador das demandas e anseios do grupo” e que suportaria traços e representações diversas aos quais a massa incorporaria como produto de uma relação de identificação. “O líder aqui é um representante das demandas não satisfeitas e que as traduzem ao social e ao sistema vigente, ele torna-se o nome, o símbolo e intervém sobre o representado em seu interesse e decisões” (Mac-Cormick, 2014, p. 92).

Essa abordagem que possibilita analisar as massas a partir de outros objetos que podem substituir o líder e a relação de identificação que pode estabelecer-se com este, aponta para uma saída interessante frente a temporalidade lógica problemática proposta por Freud sobre as suas formações. Se a *Verliebtheit* no Exército, por exemplo, está pautada em ideias de “pátria”, “glória nacional”, por um apreço ao militarismo, a um ódio a um inimigo ou a outras ideias e desejos que podem formar um conjunto mais ou menos coerente, a relação com o líder seria, dessa forma, *efeito* da identificação entre os pares em torno desses “algo em comum” significativos². Interpretar que os líderes compartilham com os demais um “algo em comum” e que também podem fazer parte dessa rede de identificação flexibiliza a ideia de que a relação dos liderados com o líder precisa ser, necessariamente, pautada na *Verliebtheit*. No Exército, não é raro observar desavenças ou expressões de agressividade entre os comandados e os comandantes (Castro, 1990), fenômenos que fogem da *Verliebtheit*, mas que não são fortes os suficientes para encerrar as relações, tendo em vista a organização que a sustenta.

De acordo com a leitura de Laclau (2013, p. 110, grifos do autor), nas massas freudianas, “tudo gira em torno da noção primordial de identificação, e o ponto de partida para explicar uma pluralidade de alternativas sociopolíticas deve ser encontrado no *grau* de diferença entre o Eu e o Ideal do Eu”. Para Laclau, se essa distância for grande, ocorre a situação descrita por Freud nas massas comuns: identificação entre os pares e a transferência do papel do ideal do Eu para o líder por meio da *Verliebtheit*. “Nesse caso, os princípios fundadores da ordem comunitária transcenderão o líder e, de acordo com esse princípio, a identificação de equivalência entre os membros do grupo aumentará”. Se a distância entre o Eu e o ideal do Eu for menor, o líder será um objeto escolhido pelos sujeitos da massa, mas também fará parte do grupo, participando do processo geral de mútua identificação. Nesse caso, como mencionado anteriormente, o líder se torna um *primus inter pares*, compartilha algum traço em comum com os liderados, estes podem se identificar com o líder e ele dependeria de um reconhecimento dos liderados para poder exercer a sua função de liderança (Laclau, 2013, p. 106). Pode-se pensar ainda em uma situação imaginária absurda (*reductio ad absurdum*) em que a brecha entre o Eu e o Ideal do Eu fosse inteiramente transposta. Nesse caso-limite, haveria uma total transferência das funções do indivíduo à comunidade por meio da organização e se suporia uma ausência da figura de liderança (Laclau, 2013, p. 110).

Assim, enquanto a ênfase freudiana reside em saber se o objeto ocupa o Eu ou o ideal do Eu nas massas, Laclau (2013) destaca o grau de distância entre essas duas instâncias psíquicas. Em uma extremidade do *continuum*, temos a função de liderança sendo exercida por um líder. Nesse caso, ele ocupa um lugar de destaque na massa, é percebido como um alguém diferente em relação aos liderados e é dotado de perfeições que a relação de *Verliebtheit* proporciona. Na outra extremidade, a função de liderança é assumida pela própria organização dos sujeitos da massa, e a presença de uma figura central para exercer essa função não é necessária.

Compreendemos que o pensamento de Laclau não contradiz o de Freud, mas o complementa. Freud (1921/2011, p. 59) deteve-se na constituição de massas “primárias”, na qual o líder ocuparia o lugar do ideal do Eu. Por sua vez, Laclau relativiza o “lugar” para pensar

em termos de “grau” ou “distância” entre as instâncias, construindo o pensamento de que quanto mais a massa é organizada, menos ela necessita da figura de um líder e mais o poder do líder é restrito pelos liderados.

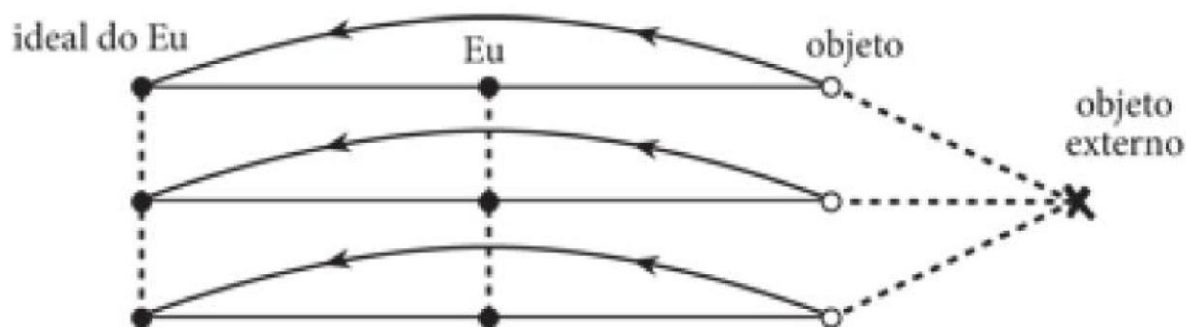
Sob essa perspectiva, podemos afirmar que há uma confluência entre o líder, os desejos partilháveis e as ideias condutoras. Não seria necessário que houvesse um objeto em comum único que possibilitasse a identificação entre os sujeitos da massa, mas pode haver uma série de objetos mais ou menos coesos entre si, formando o que Freud (1921/2011, p. 72) nomeou de “ideal da massa”. Quanto mais a figura do líder é importante para a massa, maior será a intensidade da *Verliebtheit*, e quanto mais ela é organizada, mais os “desejos partilháveis” e as “ideias condutoras” se tornam objetos de identificação.

A *Verliebtheit* é, portanto, um fenômeno que pode ser vivido com maior ou menor intensidade pelo sujeito que faz parte de uma massa, dependendo da distância entre o seu Eu e o ideal da massa e do quanto essa massa é organizada.

Seguindo a proposta de Bispo et al. (2022) de analisar o bolsonarismo como um fenômeno de massa, podemos considerá-lo como modelo para exemplificar essa confluência entre líder e ideias condutoras. Apesar de Jair Bolsonaro ter-se tornado um líder notório para os seus seguidores e ter grande influência política, ocupando o lugar do ideal do Eu para seus seguidores mais radicais, não há como pensar neste fenômeno sem considerar as “ideias condutoras” e os “desejos partilháveis” comuns que orientam essa massa. O conservadorismo, as políticas neoliberais, o autoritarismo, o apelo a valores militares, o anticomunismo, o negacionismo científico, etc. fazem parte desse ideário que fundamenta o bolsonarismo e que já existia antes do seu surgimento, mas se configura como original ao se firmar na figura de Bolsonaro na contemporaneidade. Assim, podemos afirmar que o ex-presidente se tornou um representante dessas ideias e as consolidou em torno de sua imagem, transformando-as em demandas eleitorais, políticas e econômicas de uma “nova direita” (Maitino, 2020).

As mídias sociais permitiram que a campanha eleitoral pudesse destacar, para os religiosos, os boatos relativos à sexualidade; para os militares, as questões pertinentes a um suposto patriotismo e à militarização da segurança pública; para os empresários, uma promessa de liberalismo econômico e, para os antipetistas, mensagens contra a corrupção. Ao mesmo tempo que esses grupos formavam uma grande massa, cada um deles era mobilizado por mensagens diferentes, cuja veracidade ficava em segundo plano (Bispo et al., 2022, p. 118).

Essa capacidade de um mesmo líder poder agregar diferentes “grupos” dentro de uma “grande massa” sem que isso se torne uma contradição decorre, entre outros fatores, do líder ser uma representação singular para os sujeitos que compõem a massa, como podemos inferir a partir do esquema gráfico freudiano:



O esquema apresenta uma diferenciação entre o “objeto externo”, único, e o “objeto”, múltiplo. O “objeto” depende do processo de percepção e representação do “objeto externo”, o que possibilita que cada sujeito que compõe a massa tenha uma relação singular com esse “algo em comum” da identificação. Assim, se no bolsonarismo o “objeto externo” é a figura do Bolsonaro, representante de uma série de “ideias condutoras” e “desejos partilháveis”, cada sujeito da massa terá uma representação própria da figura do Bolsonaro enquanto “objeto”. Isso permite que enfatizem características específicas com as quais mais se identificam e que se relacionam com o seu ideal do Eu, como o militarismo, o liberalismo, o fundamentalismo religioso, entre outros.

Assim, torna-se evidente como a identificação é um processo fundamental para compreender as massas, pois, para além de estabelecer a relação entre os membros que a compõem, ela também é um fenômeno que possibilita a *Verliebtheit*. Se a primeira baseia-se em torno de um “algo em comum”, a segunda refere-se a um traço do objeto idealizado que é introjetado no Eu. Essa identificação presente na *Verliebtheit* fomenta a construção de um ideal da massa mais homogêneo, pois os traços do líder introjetados tornam-se, num segundo momento, mais um “algo em comum” na identificação entre os sujeitos que compõem a massa.

Essa primazia da identificação e as problemáticas em torno do objeto para analisar as massas podem justificar, como hipótese, a ausência ou a marginalização da *Verliebtheit* por uma significativa parcela dos autores que se dispõe a analisá-las sob a ótica freudiana. A teoria freudiana sobre as massas, da maneira como foi expressa em 1921 e sem levar em consideração outros textos posteriores do psicanalista que a auxiliam no seu desenvolvimento e, especialmente, as contribuições de outros autores, revela-se insuficiente frente a complexidade que as massas possuem enquanto objeto de análise. Encontra, no entanto, no conceito de identificação, um terreno mais sólido, condizente com a sua utilização nas pesquisas referenciadas.

Essa preferência pela identificação como eixo central de análise das massas se justifica pela sua capacidade de explicar de maneira mais abrangente os processos psíquicos e sociais envolvidos, em comparação com a *Verliebtheit*, proporcionando uma base conceitual mais consistente para a compreensão dos fenômenos coletivos. Talvez essa primazia no uso do conceito de identificação tenha sido uma forma ou estratégia argumentativa de contornar ou evitar os problemas que o conceito de *Verliebtheit* possui na obra freudiana. Apesar disso, como gostaríamos de ter deixado expresso, na condição de o objeto da *Verliebtheit* ser complexificado para além da representação do líder, o uso do conceito torna-se muito valioso e mais coerente com o que pode ser observado nas massas.

***Verliebtheit* e a clínica psicanalítica**

Como nos alerta Laclau (2013), não devemos encarar as massas de antemão como nocivas ou patológicas. Na política, variados movimentos considerados de massa foram responsáveis por avanços importantes na construção de direitos e no desenvolvimento de melhores condições de vida. Também não devemos desconsiderar que massas, como a de torcedores e de fãs, podem proporcionar experiências prazerosas e auxiliar na promoção de novos laços e no fortalecimento dos mesmos.

No âmbito da prática clínica psicanalítica, emergem, contudo, as indagações: deveria a *Verliebtheit* ser considerada como objeto passível de tratamento? Sendo a *Verliebtheit* um fenômeno que pode ser vivido com maior ou menor intensidade, qual seria o limiar entre o “normal” e o “patológico”? Essa distinção poderia ser, no fundo, um efeito de contratransferência, moralismo ou de afinidades político-ideológicas por parte do psicanalista?

Para não cairmos nesse engodo, devemos observar se há, por parte do analisando, uma queixa frente ao modo como este se relaciona na massa ou se, no processo de associação livre

e em transferência, aparecem efeitos negativos e que podem ser assim reconhecidos pelo próprio analisando.

A escuta deve ater-se nas eventuais manifestações de “docilidades”, “ausências críticas” e nas “humildes sujeições” que o sujeito pode apresentar em relação ao ideal da massa. Esses fenômenos seriam indicativos de uma *Verliebtheit* e resultariam em modalidades de sofrimento diversas. Almejando uma exposição mais clara, podemos categorizá-los (embora não hermeticamente) em três tipos:

1. Na relação com os sujeitos externos à massa: a formação de uma massa e a afirmação de sua unidade envolve a diferenciação em relação àquilo que ela não é. Em outras palavras, a identificação que constitui os laços entre os membros de uma massa gera, como resultado, uma “não identificação” com aqueles que estão fora dela (Mac-Cormick, 2014; Perez, 2016). Essa alteridade pode resultar em uma dinâmica de exclusão ou de desejo de aniquilamento do outro, o que, dependendo das circunstâncias e da intensidade, pode levar ao distanciamento ou à ruptura de laços e criar situações de conflito potencialmente violentas.

Como exemplo, citamos as brigas entre torcidas organizadas de futebol. Lucca (1998) apresenta como a defesa da identidade de torcedores está relacionada com a expressão da agressividade com torcedores de times rivais. Para além das possibilidades de confronto no encontro entre torcedores, a sociabilidade mais íntima pode tender a restringir-se somente a torcedores do mesmo time.

2. No relacionamento com os membros da mesma massa: a identificação pode transformar-se em uma força que tende a favorecer uma acentuada homogeneização entre aqueles que a compõe a massa, o que pode levar a uma punição ou hostilização dos sujeitos que não atenderem aos ideais da mesma. Nesse caso, colocar-se à prova e sacrificar-se pelos ideais da massa pode ser visto como algo positivo tanto pelo próprio sujeito, quanto por seus pares. Essa cultura pode levar os sujeitos a se colocar em situação de risco ou ser a causa de sofrimentos desnecessários. Em casos limites, aqueles que não atendem aos ideais podem ser considerados indesejados ou até mesmo “inimigos internos”.

Esses fenômenos podem ser observáveis, por exemplo, no Exército e nas polícias militares, sobretudo durante os processos de formação e nos ritos de passagem. Castro (1990) e Souza (2020) relatam experiências de como a subjetividade dos militares está ancorada em um *ethos* guerreiro, no qual provas de resistência ao sofrimento físico e psicológico fazem parte de sua construção. Nesse cenário, quem não atender a esse ideal, poderá ter sua imagem colocada em xeque pelos semelhantes e sofrer punições institucionais diretas e indiretas.

3. Na relação consigo mesmo: em um estado de *Verliebtheit*, devido à intrincada relação entre o Ideal do Eu e o ideal da massa, o sujeito pode experienciar sentimentos de culpa ou, mais especificamente, sofrer de “masoquismo moral” (Freud, 1924/2011) pela impossibilidade ou incapacidade de atender aos ideais introjetados da massa. Neste cenário, o Super-eu volta-se contra o Eu de maneira sádica, inferiorizando-o por não conseguir atender aos ideais. Outra fonte potencial de sofrimento pode advir das frustrações e lutos quando as demandas da massa não se concretizam na realidade ou quando os ideais nutridos se apresentam ao sujeito como contraditórios ou falsos, perdendo seu valor. Essas experiências podem manifestar-se clinicamente como uma percepção de arrependimento, remorso ou vergonha.

Podem-se presenciar esses conflitos psíquicos com certa frequência em casos de sujeitos que reconhecem desejos homossexuais e, simultaneamente, são membros de igrejas cristãs. A dinâmica entre a homossexualidade ser considerada uma “depravação grave”, de que os homossexuais “não herdarão o Reino de Deus” e, ao mesmo tempo, os ideais de amor, justiça e graça que também fazem parte do ideário cristão (Santo, 2017), coloca, por vezes, o sujeito numa complexa relação com a massa e consigo mesmo. Diante desse conflito entre os desejos e os ideais da massa, pode advir o sentimento de culpa e vergonha, favorecendo inibições que poderão retornar de maneira sintomática. Por outro lado, uma saída comum a esse conflito,

como mencionamos, é o distanciamento do sujeito com relação à massa (Igreja) e, em alguns casos, a renúncia às crenças religiosas cristãs, o que muitas vezes implica também o difícil desenlace de vínculos afetivos com os integrantes da massa e o processo de luto decorrente.

De modo geral, o trabalho psicanalítico enfrenta o desafio de se fazer reconhecer e elaborar a *Verliebtheit*, investigando, neste processo, os fatores (frequentemente inconscientes) que contribuíram para a sua construção. Dado que a *Verliebtheit* altera ou suspende parcialmente as funções do Ideal do Eu, dentre elas a auto-observação, a consciência moral e a prova de realidade, estas funções têm que ser trabalhadas para que se possa desenvolver uma consciência crítica frente ao objeto da *Verliebtheit*, condição fundamental para o desenlace desse modo de relação. Reconhecer o próprio papel dentro da massa, questionar a validade e pertinência de seus ideais, indagar se as demandas da massa estão alinhadas com o que ocorre na realidade e avaliar se os seus métodos são eficientes para esses objetivos são, portanto, algumas das questões que podem ser levantadas ao longo do processo psicanalítico.

Somente por meio de uma relação transferencial bem construída, contudo, o objeto da *Verliebtheit* poderá ser colocado em questão. A crítica aos ideais, à massa, ao líder ou aos colegas tenderá a ser percebida como se o próprio sujeito estivesse sendo criticado e, nesse sentido, espera-se o aparecimento de resistências à livre associação e ao trabalho do psicanalista.

Concluimos destacando que, embora a *Verliebtheit* seja um fenômeno esperado nas massas, ela não é uma condição necessária para a sua manutenção. Massas organizadas (ou artificiais) tendem a ser prejudicadas pela *Verliebtheit* ao longo do tempo. Isso se deve à distância que o objeto da *Verliebtheit* possui em relação às realidades factuais, às idealizações intangíveis e aos aspectos irracionais que a sustentam, podendo culminar na não realização das demandas ou objetivos da massa. Esse cenário pode resultar no desengajamento do sujeito em relação à massa ou até mesmo à formação de um novo grupo antagônico ao anterior (que poderá resgatar os “verdadeiros valores” do primeiro). Assim, o fim de uma *Verliebtheit* pode indicar tanto a dissolução do vínculo do sujeito com a massa quanto o estabelecimento de uma nova forma de relação, mais racional e eficaz, para o cumprimento de suas demandas e objetivos.

Torna-se de suma importância o relato e reflexão de experiências clínicas que tiveram o fenômeno da *Verliebtheit* enquanto elemento central de tratamento. É por meio da práxis que a psicanálise poderá aprimorar o conceito e melhor se amparar clinicamente. Por fim, as novas dinâmicas sociais mediadas por aplicativos de comunicação e pelas redes sociais podem ser elementos que alterem a dinâmica da *Verliebtheit* e das massas contemporâneas, constituindo um profícuo objeto de investigação.

Referências:

- Bispo, F. S., Scaramussa, M. F., Silva, B.O. (2022). Bolsonaroismo e a psicologia das massas 100 anos depois. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 14, 113-126. DOI: 10.18379/2176-4891.2022vNSPEAp.113
- Carvalho, C. A. F. (2016). *O supereu na teoria psicanalítica: gênese, lugar e função segundo Freud*. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Castro, C. (1990). *O espírito militar: um antropólogo na caserna*. 2ª. ed. Zahar.
- Danziato, L. B., Arruda, P.H. O., Carvalho, R. G. J., Leite, T. C. (2020). Da psicologia das massas à multidão: uma nova topologia das manifestações sociais. *Revista Affectio Societatis*, 17 (33), 270-297.
- Enriquez, E. (1999). *Da Horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*. Zahar.
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Imago. (Original publicado em 1921)

- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 12* (pp. 09-37). Companhia das Letras. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010b). Os instintos e seus destinos. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 12* (pp. 38-60). Companhia das Letras. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 18* (pp.09-89). Companhia das Letras. (Original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: Freud, S. *Obras completas Volume 15* (pp. 09-100). Companhia das Letras. (Original publicado em 1921)
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à Metapsicologia Freudiana: volume 3: artigos de metapsicologia*. 7ª. ed. Jorge Zahar Ed.
- Gontijo, L. de A.; Bicalho, M. F (2019). Psicologia das massas e racismo de estado: o ultraconservadorismo contemporâneo. *Delictae Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito*, 4 (7), 236–270. DOI: 10.24861/2526-5180.v4i7.109.
- Laclau, E. (2013). *A razão populista*. Três Estrelas.
- Laplanche, J., Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. Martins Fontes.
- Luccas, A. N. (1998). *Futebol e torcidas: um estudo Psicanalítico sobre o vínculo social*. 1998. Dissertação de Mestrado, Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.
- Mac-Cormick, W. (2015). *O líder, as coletividades e suas identificações*. Dissertação de Mestrado, Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia da Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR.
- Maitino, M. E (2020). Populismo e bolsonarismo. *Cadernos Cemarx*, 13. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167.
- Nakasu, M. V. P. (2009). *Sublimação, pulsão de morte, superego: o papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas*. Tese de Doutorado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Penna, C. (2021). O Centenário da Psicologia das Massas Freudiana. *Cadernos de Psicanálise | CPRJ*, 43 (45), 11-32.
- Ravanello, T., Martinez, M. C. (2013). Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. *Cadernos de Psicanálise*, 35 (29), 159-183.
- Rocha, Z. (2008). *Freud: novas aproximações*. Editora Universitária da UFPE.
- Sadala, G. (2022). “Psicologia das massas e análise do eu”: pontuações e atualizações. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 14, 17-26. DOI: 10.18379/2176-4891.2022vNSPEAp.17.
- Santo, E. R. E. (2017). Homossexualidade: psicanálise, religião e educação. *Interthesis*, 14 (3), 88-103. DOI: 10.5007/1807-1384.2017v14n3p88
- Souza, A. P. (2020) *O policial que mata: um estudo sobre a letalidade praticada por policiais militares do Estado de São Paulo*. Tese de Doutorado, Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2020. DOI: 10.11606/T.47.2020.tde-21082020-144036
- Starnino, A (2016). Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan. *Dois Pontos*, 13 (3), 231-249. DOI: 10.5380/dp.v13i3.46901

Notas:

1. A natureza da identificação com o líder é diferente daquela que ocorre entre os sujeitos que compõem a massa. A primeira refere-se à situação em que o sujeito toma para si um traço de um objeto investido libidinalmente, tornando esse traço uma característica do seu Eu. A segunda, por sua vez, baseia-se no querer ou poder colocar-se na mesma situação de outro sujeito, havendo um “algo em comum” que possibilite a identificação sem precisar que haja necessariamente um investimento libidinal sobre este outro (Freud, 1921/2011, pp. 48-50).

2. Essa possibilidade é discutida por Mac-Cormick (2014) e também está presente na análise de Starnino (2016). Ambos os autores seguem a linha proposta por Laclau (2013).

Citação/Citation: Secotte, G. (2025). *Verliebtheit (enamoramento) em Psicologia das Massas: limites do objeto e reflexões clínicas*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 14-26.

Recebido em: 01/04/2025

Aprovado em: 02/06/2025